

Bancos ganham, assalariado perde

A *ciranda financeira* é um jogo especulativo que ocorre dentro do mercado, montado em cima da inflação. E como em qualquer jogo, há ganhadores e perdedores. Ganha, em primeiro lugar, os bancos que movimentam grandes somas de recursos de terceiros, mas não repassam toda a inflação para os donos desse dinheiro. Ganham todos os aplicadores em geral, numa escala diretamente proporcional: quanto maior o volume de dinheiro, maior será o ganho real (ganho, descontada a inflação média).

E quem são os perdedores? Os perdedores são todos aqueles grupos que detêm renda fixa, isto é, uma renda cujo valor é previamente estipulado e não é corrigido com a inflação na hora de se efetivar o desembolso ou pagamento.

Neste grupo incluem-se todos os assalariados em geral, os aposentados e pensionistas, as pessoas que vivem da renda de aluguéis e os pequenos investidores ou poupadores, que acabam recebendo pelo seu capital uma remuneração inferior à taxa de inflação, registrando, portanto, uma perda real, ainda que pequena se comparada, por exemplo, a dos assalariados.

O governo também é um grande perdedor na *ciranda financeira*, tudo por causa da dívida pública interna, hoje ao redor de 30% do PIB (Produto Interno Bruto), alguma coisa em torno de US\$ 120 bilhões.

É que na *ciranda financeira* os juros nominais são fixados bem acima da inflação do mês anterior, para com isso propiciar um ganho real àqueles que detêm grandes somas

de capital (isto é, tudo funciona como se o objetivo fosse esse). Assim, quanto maior é a inflação, maiores são os juros nominais e maior é o diferencial entre o juro nominal e a inflação, ou seja, maior é o juro real. Com o crescimento da inflação, tudo funciona como se fosse criada *maior escala* na operação dos recursos do mercado financeiro.

E prova de que essa regra (efeito escala da inflação) funciona, é que no auge da *febre inflacionária*, em 1989, quando a inflação mensal ultrapassou o patamar de 80% ao mês (administração de Mailson da Nóbrega) a participação dos bancos no PIB, que era de 6,75% em 1970, atingiu os astronômicos 24,2% do PIB. Em 1991, esta participação dos bancos no bolo da riqueza do País foi de 11,4% mas como a inflação pulou do patamar, ela também deve crescer, para algo entre 12 e 14% em 1992 (os cálculos só vão estar prontos em maio próximo).

Os bancos, assim, são os maiores ganhadores da inflação. Quanto mais aquecida for esta, mais aquecida será a *ciranda financeira* e maiores os lucros dos bancos. Isto não é opinião. São fatos.

Os bancos nos países desenvolvidos tiram o seu ganho basicamente do *spread* (a diferença entre as taxas de captação e de empréstimo do recurso). No Brasil, esse é o menor ganho. Os maiores ganhos vêm mesmo diretamente da inflação. Dos saldos médios, por exemplo, o banco exige que o cliente tenha um determinado saldo médio. Esse é

um dinheiro que fica lá mês após mês (pois o cliente tem que manter o saldo médio mensal) completamente de graça para o banco. Uma parte desse dinheiro vai para o depósito compulsório do Banco Central. Outra parte e mesmo o todo, antes do depósito compulsório, é aplicado a taxas de 40% ao mês ou mais, contra uma inflação de 25%.

Outro ganho fantástico vem, por exemplo, das Cadernetas de Poupança. O cliente tem uma conta e precisa sacar o dinheiro antes da data de aniversário da Caderneta, perdendo com isto o rendimento de todo o mês, rendimento este bruto (correção monetária e rendimento real) que é logo embolsado integralmente pelo banco.

Outro ganho exorbitante dos bancos vem da aplicação de multas e correção nos pagamentos em atraso. O sujeito atrasa um dia e pronto, paga 30, ou 40% mais e, mais uma vez, multiplicam-se os lucros bancários. Mas há dezenas de outros bons exemplos dentro do verdadeiro supermercado que é hoje um banco moderno.

Mas é claro que o banco não ganha sozinho. Com a *ciranda financeira* ganha também o grande investidor. E este grande investidor é, muitas vezes, um industrial e um comerciante. E na medida que ele começa a ganhar muito no mercado financeiro, ele descobre que está ali a sua "galinha dos ovos de ouro" e não na sua atividade produtiva. Consequência: o empresário passa a produzir pouco e a especular muito. (Helival Rios)